Travessias e Calungas

PAULA CARUSO TEIXEIRA

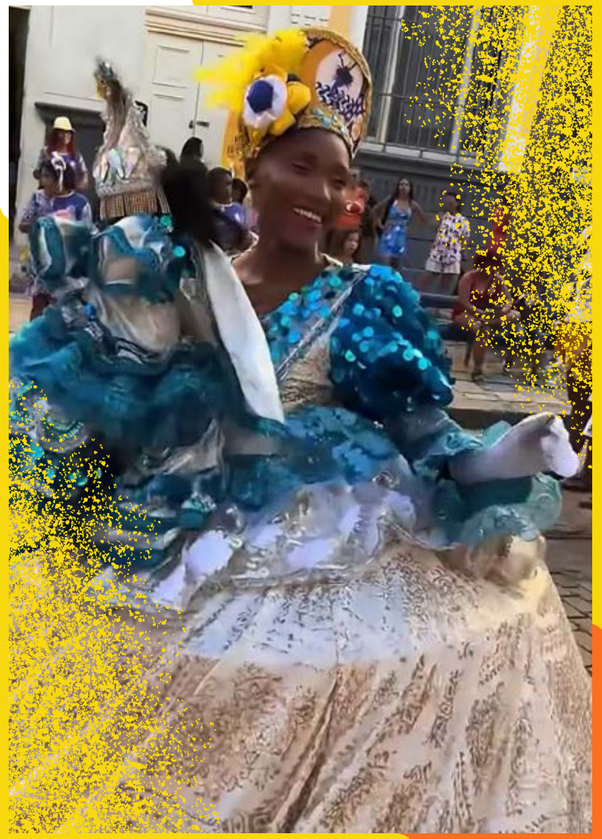
Mestra Joana cantando na "Noite dos Tambores Silenciosos"- Recife-2024.

FOTO: JOÃO MARIA

NÚCLEO BPI

UNICAMP

IA | UNICAMP



Daminha do paço do maracatu nação Encantinho do Pina com sua calunguinha.

IMAGEM DO VÍDEO DE LUCAS BENÍCIO POSTADO NO INSTAGRAM DO ENCANTINHO DO PINA, NO DIA 10/05/2025.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Teixeira, Paula Caruso
Travessias e calungas [livro eletrônico] / Paula
Caruso Teixeira. -- Campinas, SP : Ed. da Autora, 2025.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-59860-4

1. Cultura popular - Brasil 2. Danças folclóricas - Brasil
3. Maracatu (Dança) 4. Pesquisas I. Título.

25-288086 CDD-398.0981

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Brasil : Cultura popular : Folclore 398.0981

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Chegou meu baque que vem lá do Pina/
trazendo a força de Mãe Iemanjá/
Meu baque vem, com a força do mar/
Iemanjá que nos abençou/
agita as águas
faz poeira no mar/
Meu baque tem a força das águas
Odomiô, minha mãe Iemanjá
Minha nação pernambucana
Maracatu, orixá, candomblé
Salve o Encanto do Pina (...)

(trecho da loa "Chegou meu baque" do maracatu nação Encanto do Pina)

Estandarte do maracatu nação Encanto do Pina na sua sede — Recife/PE-2024

FOTO: PAULA CARUSO

Dedico este trabalho
às crianças do
Encantinho do Pina,
Batuqueiras e
batuqueiros do amanhã

Rainha e rei do maracatu nação Encantinho do Pina, com o pajem segurando o pálio; ao fundo, outras crianças do Encantinho..

IMAGEM DO VÍDEO DE LUCAS BENÍCIO POSTADO NO INSTAGRAM DO ENCANTINHO DO PINA, NO DIA 10/05/2025.

Detalhe do braço de uma dama do paço na “Noite dos Tambores Silenciosos”- Recife-2024.
FOTO: JOÃO MARIA

Agradecimentos

A todo o grupo de maracatu nação Encanto do Pina,

ao Baque Mulher de Recife,

ao Encantinho do Pina

e, em especial,

à Vó Quixaba,

à Mãe Carminha,

à Mestra Joana Cavalcante,

à Jamile Passos,

à Ana Paula Santana,

à Mariana Passos,

ao José Davis (Davidson),

à Mariana Bianchini,

à Ylana Talita Mello,

à dona Rosa do Hotel Central de Recife,

ao Baque Mulher de Campinas e

às/aos estudantes da disciplina
AC 202: Tópicos especiais em atuação:
Travessias e Cortejos

Uma das pontes sobre o rio Capibaribe, no Recife Antigo. Recife-2024.

FOTO: JOÃO MARIA

Equipe do e-book

PESQUISA E ESCRITA — Paula Caruso

ASSESSORIA — Graziela Rodrigues

PRODUÇÃO — Mariana Floriano

FOTOS, VÍDEOS E EDIÇÃO DAS IMAGENS
João Maria, Helena Maria Silva e Paula Caruso

ASSESSORIA TÉCNICA NA PESQUISA DE CAMPO
Yasmin Berzin

REVISÃO DE TEXTO — Flávia Pagliusi

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Julio Giacomelli e Julia Mattos

ORGANIZAÇÃO DOS ARQUIVOS
E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS
Hyorrana Lopes

Sumário

1. Introdução 14
2. Onde tudo começou... 22
3. Breve histórico do maracatu nação em Pernambuco 30
4. Breve histórico do maracatu nação Encanto do Pina 38
   - 4.1. O encontro com Mestra Joana e o encantamento com o Encanto do Pina 43
   - 4.2. Mestra Joana 48
   - 4.3. O maracatu nação Encanto do Pina e a relação com o Ilê 56
   - 4.4. Um pouco sobre a dança nas suas alas 64
   - 4.5. As Damas do Paço e suas Calungas 77
   - 4.6. A relação corpo-instrumento no maracatu Encanto do Pina 94
   - 4.7. As paisagens-cenário 108
5. Baque Mulher 112
6. O Encantinho do Pina 122
7. Considerações finais 132
8. Referências bibliográficas 140
9. Sitografia 142

Detalhe de um tocador de timbal do maracatu nação Encanto do Pina, na “Noite dos Tambores Silenciosos”- Recife-2024.

FOTO: JOÃO MARIA

1. Introdução

ESTE EBOOK É UM PRIMEIRO RELATO após as minhas pesquisas de campo iniciais sobre os processos corporais dos maracatus nação de Pernambuco, sobretudo, a dança das damas do paço e suas calungas. Essa investigação foi realizada especialmente sobre o maracatu nação Encanto do Pina em Recife - PE, no carnaval de 2024 e no final do mesmo ano.

Tive ainda dois encontros com Mestra Joana Cavalcante, um em Campinas, no aniversário do Baque Mulher de Campinas em maio de 2024, e outro após uma palestra sua no Sesc 14 Bis em São Paulo - SP, no dia 21 de setembro do mesmo ano, onde conversou com a plateia sobre o filme “Mães do Pina”[1] Além disso, foram realizadas entrevistas com cinco pessoas importantes do maracatu nação Encanto do Pina: Jamile passos, batuqueira e produtora do Encanto; José Davis (o Davidson), contramestre do Encanto; Mariana Passos, batuqueira e educadora, assim como Jamile e Davidson, do Encantinho do Pina;

1. Documentário dirigido por Léo Falcão em 2015. Sinopse: A memória e a força de cinco mães de santo que constroem a identidade cultural religiosa da Comunidade do Bode, em Recife. As cerimônias, os terreiros, os maracatus e os trabalhos sociais são revelados nesse mergulho no universo feminino. Essas mulheres geram uma transformação pessoal e social no desenvolvimento de seu entorno e ainda dessa comunidade com a população local.

Paisagem cenário - Rio Capiraribe - Recife Antigo — Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Ylana Talita Mello, dama do paço do Encanto; e Ana Paula Santana, participante do Encanto e coreógrafa da sua ala dos caboclinhos.

Aqui será relatado numa linguagem mais poética (com textos e cantos entremeados por fotos) parte destas vivências e o que, num primeiro momento, me marcou durante esta jornada.

É importante destacar que este e-book é fruto do projeto "Travessias e Calungas", que contempla atividades de ensino, pesquisa e extensão.[2]

Um pouco sobre a metodologia deste trabalho:

Destaco que foi utilizado o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) em todo este estudo na preparação, nas investigações, nos primeiros contatos com os grupos de maracatu nação, sobretudo, com o Encanto do Pina, nos laboratórios antes, durante e após as investigações e na análise dos materiais coletados.

Este método foi criado pela Profª. Titular da Unicamp, Graziela Rodrigues, e sistematizado e publicado em seu livro "Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação", publicado em 1997. No BPI, existem três eixos que se relacionam de forma sistêmica: o *Inventário no Corpo*[3], o *Co-habitar com a Fonte* e a *Estruturação da Personagem*.

No desenvolvimento desta pesquisa, me debrucei

2.
Além das atividades de pesquisa, que incluem a escrita deste e-book, este projeto abarca atividades de ensino: realização da disciplina "AC 202: Tópicos especiais em atuação: Travessias e Cortejos na pós-graduação em Artes da Cena" da Unicamp e disciplinas de Dança do Brasil no curso de graduação em Dança, também da Unicamp. E engloba também atividades de extensão: realização de três oficinas em duas cidades do interior do estado de São Paulo sobre os resultados desta pesquisa. Este projeto foi premiado pelo edital PIND/ FAEPEX da Unicamp em 2023.

3.
"O inventário no corpo é o momento inicial em que o bailarino-pesquisador-intérprete entra em contato com a sua história pessoal" (TEIXEIRA, 2007, p. 5). . Para saber mais, ler a última parte do livro "Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação" de Graziela Rodrigues, o capítulo: "O processo de construção do Bailarino – pesquisador – intérprete."

mais sobre o eixo *Co-habitar com a Fonte*, no qual o núcleo das atividades é a realização de uma pesquisa de campo.

Para realizar esta pesquisa, é preciso estar encantada/encantado pelo que irá estudar. No meu caso, como será relatado no próximo item, me encantei pelo maracatu nação bem antes do início deste estudo. Foi na criação da personagem Mariinha que veio o desejo de aprofundar as pesquisas sobre a dama do paço e as calungas.

Quando iniciei esta pesquisa, fiz, inicialmente, um levantamento bibliográfico e iconográfico sobre o assunto. Fui à Fundação Joaquim Nabuco e ao Museu do Homem do Nordeste em Recife-PE. Estudando os seus arquivos, constatei que apesar de existirem outras investigações, com abordagens históricas, folclóricas e antropológicas, havia pouquíssimos estudos sob a perspectiva da dança.

Daí o diferencial desta pesquisa, cujo foco é justamente a dança, os corpos das pessoas que realizam o maracatus-nação e os seus significados. No método BPI, a bailarina/ o bailarino observa o campo não só com o olhar, mas apreende sinestesicamente, com todo o seu corpo sensível, tudo o que nele encontra: as paisagens-cenário (como, por exemplo, os espaços onde é realizada a manifestação, seus sons e cheiros), as movimentações das pessoas

> “Esta pesquisa considera, portanto, não só a manifestação estudada, mas todo o contexto em que está inserida. Sua apreensão se dá principalmente através do corpo da pesquisadora/ do pesquisador. O que fica neste corpo é o elemento de maior relevância nesta pesquisa e é o que, com o desenvolvimento dos laboratórios, poderá desembocar numa criação artística.

pesquisadas, as músicas, as falas, as loas, os objetos, entre outros elementos.

Esta pesquisa considera, portanto, não só a manifestação estudada, mas todo o contexto em que está inserida. Sua apreensão se dá principalmente através do corpo da pesquisadora/ do pesquisador. O que fica neste corpo é o elemento de maior relevância nesta pesquisa e é o que, com o desenvolvimento dos laboratórios, poderá desembocar numa criação artística[4].

Importante ressaltar que a *Estrutura Física* e a *Anatomia Simbólica* do Método BPI[5], aqui citadas em vários momentos, são utilizadas na análise de todo o material coletado em campo: dos registros audiovisuais e escritos (diários de campo) e, principalmente, na leitura dos corpos pesquisados.

Nesta pesquisa, realizei laboratórios antes (como será explicado no próximo item), durante e depois das idas ao campo, o que ajudou em todo o processo, inclusive na feitura deste e-book. Aqui se propõe uma escrita encarnada, fruto de uma vivência de campo intensa onde por algum momento, a pesquisadora/ o pesquisador se sente como as pessoas investigadas sem, contudo, perder a sua identidade corporal. Neste método, quando isso ocorre, dizemos que a pesquisadora/ o pesquisador coabitou com a fonte pesquisada.

Para tanto, é necessário o desenvolvimento de uma "relação inteiramente profissional, onde o afetivo faz parte" (RODRIGUES, 2003, P. 109.), onde existe empatia, confiança e respeito entre a pesquisadora/ o pesquisador e as pessoas pesquisadas. Só assim o encontro entre ambas as partes acontece e o afeto abre o corpo da pesquisadora/ do pesquisador para aprender e apreender alguns dos corpos estudados.

O afeto faz parte desta pesquisa e é assim que, ao final desta introdução, reverencio Mestra Joana Cavalcante e o maracatu nação Encanto do Pina, que me acolheram e possibilitaram a realização deste estudo. Ela e outras/outros integrantes do grupo autorizaram a publicação dos depoimentos, loas e imagens aqui presentes[6].

Desejo que este e-book ajude a dar mais visibilidade ao trabalho de Mestra Joana, de todo o maracatu nação e dos vários projetos que lidera. Acredito que essa é uma das singelas formas de agradecer a todos os aprendizados que tive com essa comunidade.

4. O principal objetivo deste método BPI é chegar à uma criação artística. Para saber mais, ler a última parte do livro "Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação" de Graziela Rodrigues, o capítulo: "O processo de construção do Bailarino – pesquisador – intérprete."

5. Segundo Graziela Rodrigues (2003, p. 87): "A estrutura física com qual se trabalha está inserida nas fontes da cultura popular. A referida estrutura é fruto das análises e desdobramentos de um corpo assumido em suas origens, com fruição de suas emoções e presentes nas ações rituais de celebração da vida". Para saber mais, ler as páginas 51 a 75 do livro "Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação" de Graziela Rodrigues.

6. Importante destacar que este projeto foi aprovado pelo comitê de ética da Unicamp e as pessoas pesquisadas assinaram o termo de autorização do uso da imagem e de depoimentos.

Detalhe de uma calunguinha de costas, na "Noite dos Tambores Silenciosos"- Recife-2024.

FOTO: JOÃO MARIA

2.
Onde tudo começou...

A IDEIA INICIAL PARA ESTA PESQUISA surgiu há cinco anos, quando desenvolvi a personagem Mariinha através da vivência do Método BPI em laboratórios dirigidos nas aulas de Dança do Brasil V e VI no Departamento de Artes Corporais (DACO) da Unicamp, ministradas pela Profª. Titular Graziela Rodrigues. A imagem interna que tive da personagem era de uma criança[7] com uma boneca de pano preta chamada Isabel.

Essa fase do processo do Método BPI é conhecida como *Estruturação da Personagem*, "[...] que é o momento em que o bailarino incorpora uma imagem síntese de todo o seu processo, que terá nome, história, movimentos, objetos e outros elementos criados por ele. Essa será a referência para a construção do trabalho artístico final" (TEIXEIRA, 2007, P.5).

Importante explicar que Mariinha e sua boneca surgiram ao longo de várias pesquisas de campo realizadas durante cinco anos no terreiro de Candomblé de Mãe Mirian, em Maceió - AL[8].

7.
A imagem interna de Mariinha é de uma criança/erê, que se lambuza de doce inteira, que mexe, fala e brinca com as pessoas.

8.
De 2015 a 2020 desenvolvi o projeto "Pesquisando Nanã no terreiro de Mãe Mirian", que foi em parte financiado pela "Bolsa enxoval" do FAEPEX, quando ingressei na Unicamp como docente em 2016.

Carro do bloco Galo da Madrugada no Carnaval — Recife-PE- 2024

FOTO: JOÃO MARIA.

Após vários laboratórios dirigidos, Mariinha foi se desenvolvendo nos movimentos, nas falas, nas paisagens-cenários, objetos, entre outros elementos. Com o tempo, eu e a orientadora dos laboratórios, a Profª. Graziela Rodrigues, começamos a perceber que Mariinha e sua boneca traziam, dentre outras dramaturgias, a história das travessias das africanas/ dos africanos que vieram para o Brasil para serem escravizadas/ escravizados, da saudade que essas pessoas sentiam da mãe-África. Em uma das cenas do trabalho cênico, em sua abertura ao público, Mariinha e Isabel, avistando o mar, conversam:

— Me leva para casa? — Indaga Isabel à Mariinha.

— Eu te levo Isabel, mas é longe! Um dia eu te levo. — Responde Mariinha.

Em seguida, Mariinha canta olhando para o mar como quem pede ajuda para realizar o sonho da boneca, que é o sonho de tantas africanas/ africanos arrancados da sua terra natal para serem escravizadas/escravizados: **“**Eh, calunga, calunguinha do mar/Eh, calunga, me leva pra casa/vem me ajudar!”.

Na época, iniciei uma investigação bibliográfica sobre a palavra “calunga” e seus sentidos e encontrei que a calunga também é uma entidade do mar[9] e é o próprio mar, a calunga grande.

Este trabalho cênico, depois da apresentação ao público, continuou a ser desenvolvido. Em outros

9.
Como escreve Gomes e Pereira (1988, p. 387), “Consideremos inicialmente a referência a entidades reconhecidamente africanas, como Zambi, Calunga, Iemanjá e Nanã que aparecem em cultos afro-brasileiros [...]”.

> **Na época, iniciei uma investigação bibliográfica sobre a palavra “calunga” e seus sentidos e encontrei que a calunga também é uma entidade do mar e é o próprio mar, a calunga grande.**

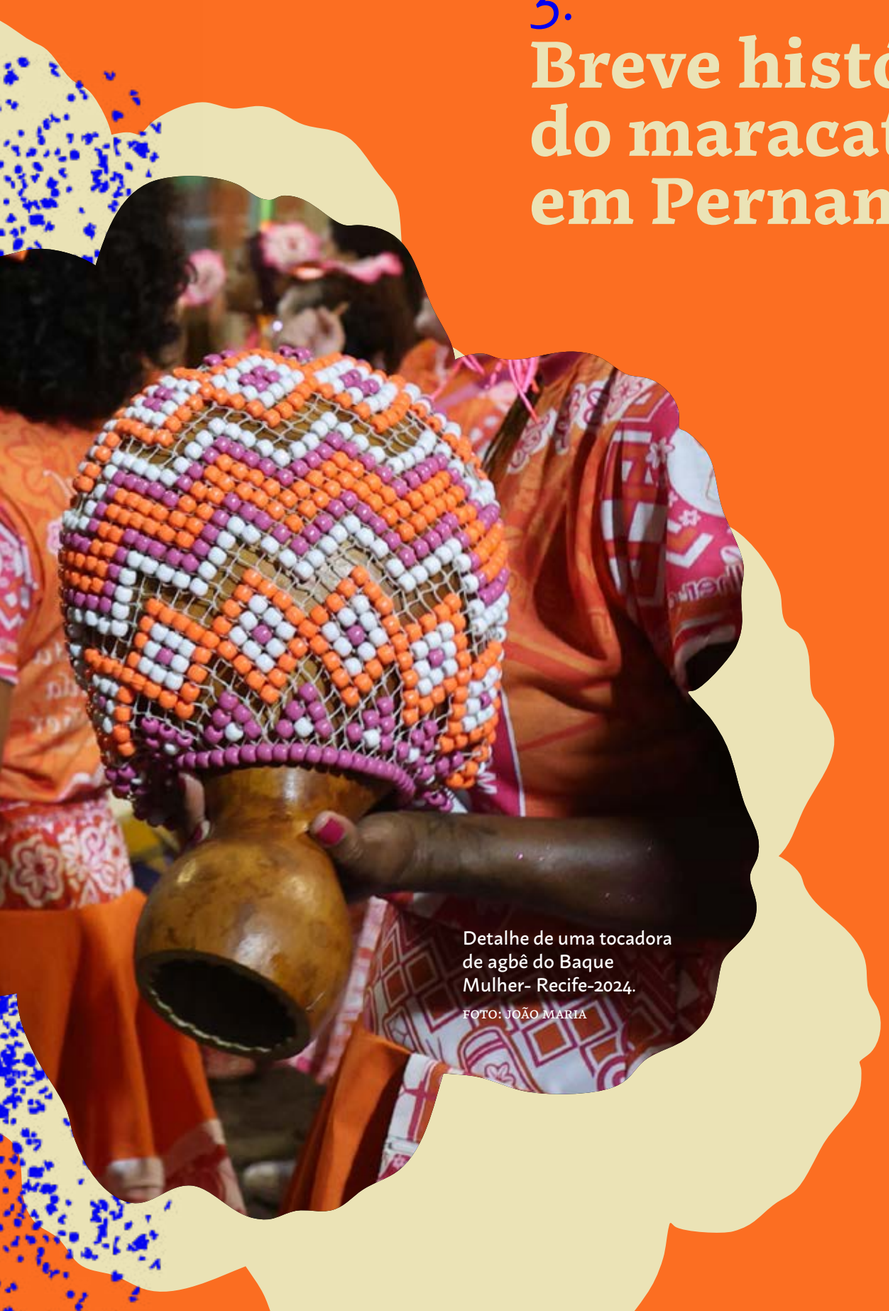
laboratórios, Mariinha vestia Isabel com roupas da calunga da dama do paço, com coroa e vestido de cetim amarelo, toda formosa! E saía com ela, dançando como se estivesse num cortejo de maracatu nação.

Foi então que, mais do que nunca, o desejo de investigar os maracatus se intensificou, sobretudo sua dança e os significados das damas do paço e suas calungas. Desejo que também remetia ao período de sete anos em que morei em Recife - PE (2008 a 2015) e via os blocos de maracatu nação e rural nas ruas do Recife antigo e nas ladeiras de Olinda, nos pré-carnavais.

Foi Mariinha quem me impulsionou para esta pesquisa. Inclusive, em alguns dos laboratórios anteriores à pesquisa de campo, emergiram imagens que depois encontraria no campo, como o cortejo das crianças nas ruas com a daminha do paço e sua calunguinha.

Paisagem cenário do Recife Antigo no Carnaval, em frente ao Marco Zero — Recife-PE- 2024

FOTO: JOÃO MARIA.



Detalhe de uma tocadora de agbê do Baque Mulher- Recife-2024.
FOTO: JOÃO MARIA

3. Breve histórico do maracatu nação em Pernambuco

COMO DESCRITO NO DOSSIÊ do maracatu nação do Iphan (2014, p. 10):

> O maracatu nação, também conhecido como maracatu de baque virado, é uma manifestação artística da cultura popular e carnavalesca da Região Metropolitana do Recife em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo.

Leonardo Dantas (2019, p.63) acrescenta que "Em Pernambuco registramos a presença de coroações dos soberanos do Congo e de Angola a partir de 1666 [...]". Antes destes cortejos serem chamados de maracatus e de acontecerem nos carnavais em Recife, se davam principalmente na época das festas de Nossa Senhora dos Prazeres, de Nossa Senhora do Rosário e quando havia um embarque de africanos libertos de retorno à África. Só a partir do final do século XIX é que estes cortejos marcaram presença nos carnavais recifenses, continuando até a atualidade. Após a assinatura da Lei Áurea, os maracatus

Calunguinha de uma daminha do paço na "Noite dos Tambores Silenciosos", no Pátio do Terço-Recife-PE-2024

FOTO: JOÃO MARIA.

"[...] passaram a ter como chefe temporal e espiritual os babalorixás dos terreiros de culto nagô" (SILVA, 2019, P. 74).

É importante destacar que esses terreiros de Candomblé, os quais tanto em Pernambuco quanto em Alagoas (local que pesquisei anteriormente a este projeto) também eram chamados de Xangôs, sofreram muitas perseguições no início do século XX, como escreve Marileide Alves (2018, p. 15): "Este ano de 2018, marca 80 anos [...] da história de repressão vivida pelos terreiros de Xangô em Pernambuco, da história de luta e resistência do povo de santo". Portanto, pesquisar os maracatus nação, suas danças e suas histórias é também investigar a história de resistência do povo preto em Pernambuco.

Um dos maracatus mais famosos de Pernambuco é o maracatu nação Elefante. Segundo o pesquisador Guerra-Peixe, em 1928 o Elefante estava assim constituído:

> Rainha, rei, dama de honra da rainha, dama de honra do rei, princesa, príncipe, dama de honra do ministro, ministro, dama de honra do embaixador, duquesa, duque, condessa, conde, quatro vassalos, três calungas (Dom Luíz, Dona Leopoldina, Dona Emília), três damas do paço (que portavam as bonecas durante os desfile do maracatu), porta-estandarte (embaixador), escravo, figuras do tigre e do elefante, guarda-coroa, corneteiro, baliza, lanceiros

Calunguinho de uma daminha do paço na "Noite dos Tambores Silenciosos", no Pátio do Terço-Recife-PE-2024

FOTO: JOÃO MARIA.

> (13 meninos), brasa bundo (uma espécie de guarda--costas do grupo), batuqueiros(15 músicos), caboclos (20) e baianas (20), importando o cortejo em cerca de 150 pessoas (SILVA, 2019, p. 79).

Esta formatação se modificou um pouco ao longo dos anos e varia de grupo para grupo. Mas uma característica marcante nos grupos de maracatus nação até hoje, além da presença dos instrumentos de percussão (em especial das alfaias), são as damas do paço com suas calungas, a rainha e o rei.

Detalhe da coroa e capa de um Rei de um maracatu nação na “Noite dos Tambores Silenciosos”, no Pátio do Terço-Recife-PE-2024

FOTO: JOÃO MARIA.

“Antes destes cortejos serem chamados de maracatus e de acontecerem nos carnavais em Recife, se davam princi-palmente na época das festas de Nossa Senhora dos Prazeres, de Nossa Senhora do Rosário e quando havia um embarque de africanos libertos de retorno à África.

4.
Breve histórico do maracatu nação Encanto do Pina

As mulheres da minha nação/
são guerreiras, batuqueiras/
baianas e yalorixás (coro repete)/
conhecem a fundo/
o segredo do mundo/
com o brilho da Oxum,/
a coragem da Oyá (coro repete)[...]
(Loa "As mulheres da minha nação")

O MARACATU NAÇÃO ENCANTO DO PINA existe há 45 anos e foi fundado por Maria de Sônia de Iemanjá, Mãe Sônia, em cinco de março de 1980. Uma das suas singularidades é ser o primeiro grupo de maracatu liderado por uma mulher, Mestra Joana Cavalcante, à frente do Encanto do Pina há 11 anos. Além disso, boa parte das integrantes do grupo também é composta por mulheres. O Encanto do Pina foi campeão do carnaval de Recife pela primeira vez em 2023 e ganhou o segundo lugar em 2025.

Além deste maracatu nação, Mestra Joana coordena vários outros grupos, como o Baque Mulher (que será explicado no item 5),

Mariana Bianchini, dama do paço do maracatu nação Encanto do Pina e Mestra Joana, no Tumaracá – Carnaval -Recife-PE-2024

FOTO: JOÃO MARIA.

Final do cortejo do maracatu nação Encanto do Pina na “Noite dos Tambores Silenciosos”, no Pátio do Terço – Recife-PE-2024

FOTO: JOÃO MARIA.

Detalhe de uma alfaia, com o escrito “Carminha da Oxum” do maracatu nação Encanto do Pina na “Noite dos Tambores Silenciosos”, no Pátio do Terço-Recife-PE-2024

FOTO: JOÃO MARIA.

também formado em sua maioria por mulheres que cantam, tocam e dançam, denunciando em suas letras a violência contra a mulher. Recentemente, foi inclusive lançado um livro infantil que conta a história de Mestra Joana e do Baque Mulher, intitulado “Sementes de Joana”[10], além de uma bela matéria na revista Continente de Pernambuco[11] abordando sua liderança e os grupos que coordena.

A base para a existência e resistência deste Maracatu é o Ylê Axé Oxum Deym, liderado atualmente por Vó Quixaba, avó biológica de Mestra Joana, Mãe Pequena do terreiro. É nele onde ocorrem as principais obrigações que preparam a maioria das/dos participantes do maracatu para saírem às ruas na época do carnaval.

10. O livro “Sementes de Joana: a primeira mestra de Maracatu”, de Mariana Queiroz, presente na referência bibliográfica deste e-book.

11. Matéria de capa da Revista Continente de Recife-PE, intitulada “Mestra Joana”. Para ver mais acesse: https://revistacontinente.com.br/edicoes/273/mestra-joana

4.1.
O encontro com Mestra Joana e o encantamento com o Encanto do Pina

O meu primeiro encontro com Mestra Joana foi em Campinas - SP, numa oficina de dança que ela ministrou na Praça do Carmo, na programação da Bienal de Dança do SESC em 2023.

Lembro-me hoje como ali já fiquei

> A base para a existência e resistência deste Maracatu é o Ylê Axé Oxum Deym, liderado atualmente por Vó Quixaba, avó biológica de Mestra Joana, Mãe Pequena do terreiro. É nele onde ocorrem as principais obrigações que preparam a maioria das/dos participantes do maracatu para saírem às ruas na época do carnaval.

impressionada com sua habilidade em liderar as pessoas que participavam da oficina e o grupo que tocava, formado pelas integrantes do Baque Mulher de Campinas e do de Recife.

Quando conversamos, Mestra Joana foi muito acolhedora e me convidou para conhecer seu grupo em Recife - PE. Quando, no ano seguinte, fui pela primeira vez à comunidade do Bode, conversei com ela sobre o projeto de pesquisa e pedi licença para realizá-la ali. No mesmo dia, à noite, assisti aos ensaios do maracatu nação Encanto do Pina na rua Oswaldo Machado, na mesma comunidade.

Fiquei encantada com o grupo! A força das pessoas que o compunham, tocando, dançando e cantando com peculiar inteireza. A maioria eram mulheres e, naquele dia, havia ainda muitas crianças, algumas do Encantinho do Pina, participando do ensaio.

Já havia feito contato com outros grupos de maracatu nação, entretanto, naquele momento, tive a certeza de que devia estudar o Encanto do Pina. Foi uma escolha do coração!

Porta da entrada da sede do maracatu nação Encanto do Pina- Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

A pesquisadora Paula Caruso e sua assistente de pesquisa Yasmin Berzin percorrendo os becos da comunidade do Bode, em direção à sede do maracatu nação Encanto do Pina- Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

4.2.
Mestra Joana

Mestra Joana Cavalcante, nascida e criada na Comunidade do Bode, no Pina (Recife/PE), é lider comunitária e está à frente de diversos projetos socioculturais no território, com reconhecimento em todo o país. É Yakekerê do Ylê Axé Oxum Deym, é Mestra da Nação do Maracatu Encanto do Pina - sendo a primeira e única mulher a assumir este cargo -, é idealizadora e coordenadora do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher - Feministas do Baque Virado e do projeto sociopedagógico Encantinho do Pina, e é idealizadora e vocalista do grupo Mazuca da Quixaba. A partir desses projetos, Mestra Joana atua diretamente com a Cultura Tradicional como ferramenta de transformação social, contribuindo também com a salvaguarda e difusão de manifestações culturais tradicionais do estado de Pernambuco em todo o Brasil, com reconhecimento internacional, fundamentada nas lutas contra o racismo, o machismo, a violência de gênero e de sexualidade.

Este texto foi publicado no Instagram do Encanto no dia 06/02/2025.

Após estas vivências, ouso dizer que, atualmente, ela é uma das maiores mestras populares de Recife, pela excelência como mestra e a repercussão do seu trabalho não só na comunidade, mas em vários lugares do Brasil e também do exterior.

A maneira de Mestra Joana coordenar seu

Mestra Joana com o apito, tocando agbê e girando no meio do Baque Mulher – Recife-PE-2024.

FOTO: HELENA MARIA SILVA

grupo de maracatu, em especial, a ala das batuqueiras/ dos batuqueiros (formada pelos agbês, alfaias, gonguês, mineiros, timbais e todos os outros instrumentos) é singular! O jeito como ela rege é completamente diferente do dos mestres homens dos outros maracatus nação em Recife. Estes usam mais o antebraço, realizando um movimento mais direto, como se fossem maestros, pulsando o corpo na vertical[12]. Já Mestra Joana rege com os movimentos corporais mais ondulados, circulares, com o corpo todo muito expressivo, pulsando mais na horizontal.[13]

Isso me chamou muito a atenção quando a vi coordenando o Encanto do Pina ao lado de outros mestres nos vários encontros dos grupos de maracatu no carnaval de 2024 para o Tumaracá.[14]

Mestra Joana apresentava firmeza e, ao mesmo tempo, doçura quando estava à frente do seu grupo. Ela gesticulava, apitava, dançava e, de repente, quando girava, parecia virar criança, com imensa vitalidade.

Destaco, além disso, as loas que compõe, o timbre diferenciado da sua voz, o seu jeito dinâmico ao tocar e dançar, a coreografia dos agbês que criou e os outros projetos pioneiros, aqui já citados, como o Baque Mulher, o Encantinho do Pina e o Mazuca da Quixaba, entre outros.

12. Segundo Graziela Rodrigues (2018, pp. 88-89): " O pulso é o coração do movimento, instaurador da dinâmica de cada dança e que permanece durante todo o seu tempo. (...) As variedades de pulso estão relacionadas às direções (de dentro para fora) do corpo em relação ao espaço. (...) Pulso na vertical (acentuação do eixo-mastro)". Para saber mais, ler a parte " O pulso/ o corpo palpita, lateja" , presente no livro "Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação" de Graziela Rodrigues.

13. Continuando a explicação sobre pulso, Graziela Rodrigues escreve (2018, p.89): "(...) Pulso na horizontal (muitas vezes associado a algumas danças de orixás femininos, nas quais ocorre o movimento da bacia em infinito)".

14. Importante evento presente na abertura do carnaval de Recife-PE, onde alguns maracatus-nação, em especial, seus batuqueiros se reúnem no Marco Zero. Este evento foi criado há 22 anos pelo músico Naná Vasconcelos e hoje é liderado pelo músico Lucas dos Prazeres.

Mestra Joana com o microfone, cantando na "Noite dos Tambores Silenciosos" - Recife-PE-2024.
FOTO: JOÃO MARIA.

Mestra Joana com o apito na “Noite dos Tambores Silenciosos” - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Mestra Joana regendo o maracatu nação Encanto do Pina no Tumaracá- Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Mestra Joana dançando e segurando a sua saia, enquanto rege o maracatu nação Encanto do Pina, no Tumaracá- Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

É uma mulher preta, periférica e líder comunitária/artista completa, que compõe, dança, canta, toca e interpreta. Como ela escreveu no trecho da loa "Periferia", cantada por ela no Baque Mulher: "Eu sou do gueto/mulher preta, sim senhor/periferia sou favela/Pina, Bode, com amor (coro repete) *[...]*".

Como Ana Paula Santana, participante do Encanto[15], disse-me em entrevista: "acho importante que a mestra do maracatu seja uma mulher preta de periferia, uma guerreira, que luta com o nosso objetivo, de manter as nossas raízes, das nossas ancestrais".

Mestra Joana, em suas letras, exalta a história da sua comunidade, das suas ancestrais. Ela luta com poesia, música e dança contra a intolerância religiosa, o racismo, o machismo, a violência sexual e a violência contra a comunidade LGBTQIAP+.

Ela faz do maracatu nação Encanto do Pina seu manifesto, sua resistência, como canta na loa que abre este e-book: "Chegou meu baque que vem lá do Pina/, trazendo a força de Mãe Iemanjá [...]."

Como relatou na conversa no Sesc Bis, após a exibição do filme *Mães do Pina*: "Fui escolhida para ser Mestra dentro do terreiro [...] Quando fico desanimada, me inspiro nas *Mães do Pina*, nestas mulheres fortes. Aí, continuo!"

15. Ana Paula Santana é também bailarina, coreógrafa, diretora e produtora cultural. Lidera o grupo de caboclinhos "Rei Tupinambá". Inclusive, alguns dos seus participantes integram a ala dos caboclinhos do maracatu nação Encanto do Pina.

Mestra Joana vem de uma linhagem de mulheres pretas, guerreiras, matriarcas da comunidade do Bode do Pina, que superam diariamente inúmeras adversidades e que resistem com a proteção das Iabás.

Sua liderança e carisma saltam aos olhos. É com alegria e força que nos finais dos ensaios de maracatu para o carnaval do Recife deste ano, na rua Oswaldo Machado, juntou as/os participantes e exclamou: “neste ano, vamos ter muito axé”!

4.3.
O maracatu nação Encanto do Pina e a relação com o Ilê

“O maracatu é o Candomblé na rua!”
(Mestre Joana)

O conteúdo desta frase simboliza a história do maracatu nação em Pernambuco, porque o maracatu surgiu também como uma forma de sobrevivência, de resistência do Candomblé em Recife. Na região de Pernambuco, da mesma maneira que em Maceió, entre outros lugares do Brasil, houve muita perseguição às religiões de matrizes africanas, aos terreiros de Candomblé, Umbanda e de Jurema, especialmente no início do século XX, há aproximadamente cem anos[16]. E, infelizmente, esse racismo religioso ainda acontece.

16. Um dos episódios trágicos deste período foi “A quebra de Xangô”, em Maceió, em 1912. O episódio conhecido como Quebra de Xangô foi um ato de violência praticado em 1º de fevereiro de 1912 contra as casas de culto afro-brasileiras de Maceió e que se estendeu pelo interior de Alagoas.. Para saber mais, ver o filme “ A quebra de Xangô”, dirigido por Siloé Amorim, de 2006, disponível no youtube.

Entrada da sede do maracatu nação Encanto do Pina, com a imagem de Iemanjá no alto - Recife-PE-2024.
FOTO: JOÃO MARIA.

Então, o fortalecimento do maracatu nação saindo na época do carnaval era e é uma forma de resistência da ancestralidade e religiosidade do povo preto em Recife.

Portanto, essa fala de Mestra Joana é simbólica e ao mesmo tempo real, porque o maracatu é realmente uma celebração do Candomblé na rua. Nas ruas, ele acontece em forma de cortejo, tem as damas do paço e suas calungas, que protegem o grupo (como será explicado adiante), outros personagens nas suas alas, mas toda a preparação para o maracatu sair às ruas é feita dentro do terreiro, seja de Candomblé seja de Jurema. No caso do maracatu Encanto do Pina, ambos os rituais ocorrem dentro do Ilê.

Como Ana Paula Santana comenta em seu depoimento sobre a fala de Mestra Joana:

> Então, no maracatu Encanto do Pina tem Oxum e Iemanjá, que são as patronas do grupo, e as bonecas que vêm, as calungas, como a gente chama, que vêm representando os ancestrais, que se foram e que estão ali nas calungas. [...] Então, essa junção da Jurema com o orixá é importante dentro do maracatu, porque sem Exu, a gente não faz nada! Então, no maracatu, a gente leva o Candomblé pra avenida. E esse é o respeito que a gente traz para a nossa religião. Porque o preconceito religioso é grande, mas a gente o combate com música, cantos e batuques. Porque é do nosso coração. [...]

Ana Paula Santana na sua casa, com um congá no seu lado direito - Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

É no terreiro que acontecem todos os rituais que antecedem a saída do maracatu, e é ali que as pessoas mais importantes da manifestação também são iniciadas. Como é o caso de Mestra Joana, líder do Encanto e mãe pequena do terreiro. Daí a importância da realização desses rituais. Pude confirmar essa informação conversando com a própria Mestra Joana, com o contra-mestre Davidson, com a batuqueira Jamile Passos e com Ylana Talita Mello, que é uma das damas do paço do Encanto. Ylana também explicou sobre o preparo necessário à dama do paço para sair às ruas (isso será mais explicado no item 4.5 deste e-book).

É possível perceber que a preparação para o carnaval não abarca apenas os ensaios das danças, dos toques dos instrumentos, das loas, mas também toda a preparação religiosa que antecede o evento, fundamental para tudo acontecer de forma harmoniosa.

Sobre isso, Ana Paula Santana explica que:

> Isso é muito importante, sabe, esse sagrado de a gente fazer as limpezas, tudo muito antes, é tudo uma preparação. É a preparação de construir toda a matéria do maracatu e construir toda a ancestralidade da gente. [...] Toda uma preparação, pois é tudo sagrado! Isso é importante, porque a gente está mexendo com a cabeça, o ori, o orixá, os nossos ancestrais. [...] Então, é uma forma de mostrar a beleza da nossa ancestralidade dentro do maracatu.

Ana Paula Santana dançando no encontro dos afoxés de Recife no carnaval- Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

Outro aspecto a destacar, é que as loas do maracatu nação, em geral, falam dos orixás e/ou das entidades e dos ancestrais. Por exemplo, no ano passado o enredo do maracatu nação Encanto do Pina era sobre Mãe Carminha, mãe biológica de Mestra Joana e filha de Oxum. Por isso, boa parte dos cantos a saudavam e falavam desta Iabá, como a loa "É do ouro": "É ouro, é ouro, é ouro da mamãe Oxum (...)".

O amarelo, o branco e o dourado predominavam nos figurinos e alegorias, cores que representam a Orixá Oxum bem como o maracatu Encanto.

Já em 2025, o Encanto homenageou Mãe Laura de Xangô e a Jurema Sagrada. A própria Mestra Joana conta, num vídeo postado na página do Instagram do Encanto do Pina em 10 de janeiro de 2025: "O nosso maracatu este ano vai homenagear a Jurema Sagrada. O povo preto resiste contra a intolerância religiosa. Neste ano, vai ter muito ponto de Jurema".

Um trecho de uma das loas do enredo de 2025 fala: "Sou Encanto e venho saudá/ caboclo índio Juremá [...]".

Como explica em outra publicação do Instagram do Encanto, esta do dia 12 de fevereiro de 2025:

> Mãe Laura é uma das mais antigas Yás da comunidade do Bode. Filha no axé de Mãe Maria Helena de Xangô Tundê, é uma das herdeiras do seu legado, mantendo a sua força de pé. Está à frente do Centro Espírita Caboclo Itaí, no Pina, casa de Candomblé de tradição Nagô Egbá e de Jurema Sagrada, fundada há mais de 60 anos. É uma de nossas matriarcas, nossas Mães do Pina, figuras fundamentais para a Nação Encanto do Pina, tendo acompanhado desde a sua fundação pela Yalorixá Maria de Sônia de Iemanjá até os dias atuais, nas mãos da Mestra Joana Cavalcante. Já há alguns anos, a Nação Encanto do Pina assumiu como compromisso evidenciar e celebrar, ainda em vida, a trajetória de pessoas essenciais por todo o caminho percorrido até aqui. E é com muita honra que cantamos o nome e a história de Mãe Laura na avenida! É com brilho nos olhos, coração vibrando e o corpo arrepiado que saudamos o caboclo Índio Itaí e todas as forças da Jurema Sagrada! Saravá Mãe Laura! Salve seu saber e sua força! 🤍🍃

Portanto, "o maracatu é o candomblé na rua"! É como se se abrissem as portas do terreiro e ali, na rua, as pessoas dançassem em forma de cortejo, trazendo um pouco do que acontece dentro do Ilê de uma outra forma. Alguns dos elementos essenciais, entretanto, são mantidos, como é o caso dos instrumentos de percussão, base tanto dos rituais no Ilê quanto do maracatu.

4.4.
Um pouco sobre a dança nas suas alas

No maracatu nação existem várias alas. Como já foi mencionado, houve algumas mudanças e cada grupo, atualmente, tem as suas particularidades. No caso dos maracatus nação de Recife, entretanto, a maioria das alas mantiveram as mesmas características de há cem anos.

Escrevo aqui um pouco sobre a dança de algumas alas/personagens do maracatu nação, as que mais me chamaram a atenção pela qualidade dos movimentos:

Porta-estandarte/caboclinhos/rainha e rei

As análises foram feitas a partir da observação, sobretudo, do maracatu nação Encanto do Pina.

Porta-estandarte:

O estandarte é um objeto sagrado, importante para o grupo de maracatu nação. Na bandeira do Encanto do Pina, as cores são azul, branco e amarelo e há uma imagem da sereia Iemanjá, que guarda o grupo, no centro da bandeira.

Quem leva o estandarte, o segura com as duas mãos geralmente na frente do corpo e o gira em torno do eixo, mostrando-o para as

Ala das princesas, com seus leques no desfile do maracatu nação Encanto do Pina – carnaval - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

pessoas que assistem ao desfile do cortejo real. A postura de quem o carrega é vertical e os pés são mais aterrados.

É o porta-estandarte que abre o cortejo do maracatu nação.

Caboclinhos:

Existe, ainda, uma ala muito importante que é a dos caboclinhos. Existe há muitos anos nos grupos de maracatus nação e possui todo um significado. Segundo Ana Paula Santana, coreógrafa atual dessa ala no Encanto:

> **Então o caboclinho é uma parte da Jurema,** que são os caboclos, que é aquilo que abre os caminhos e são os guias. Então foi muito importante ter o Rei Tupinambá na minha vida, que é o meu caboclo, para se juntar com o caboclo do maracatu. [...] Os caboclinhos no maracatu são a ala de frente, [..], que abre os caminhos. Então, eles têm que circular, dando toda aquela evolução das cores, não só que incluem as cores dos caboclinhos, que são diversas, com as cores dos trajes do maracatu. Então eles têm que dar aquela evolução toda no maracatu, dizendo: *eu estou aqui, eu sou caboclo e estou de frente, abrindo todas as portas.*

Detalhe do carro Abre Alas no desfile do maracatu nação Encanto do Pina - carnaval - Recife-PE-2024.
FOTO: JOÃO MARIA.

Ala dos caboclinhos no desfile do maracatu nação Encanto do Pina - carnaval - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA

Já a movimentação dos dançantes de caboclinhos no maracatu, de acordo com Ana Paula Santana e pelo que pude observar durante o desfile da nação, é muito parecida com a movimentação dos grupos de caboclinhos[17]. Segundo ela: "[...] a evolução do caboclinho no pé, a gente transforma um pouco no maracatu, nessa junção. A gente vai no ritmo do maracatu, né, que é aquele baque. O movimento não muda quase nada, a gente só desacelera. É porque o caboclinho é mais acelerado mesmo. A gente desacelera para o ritmo do maracatu".

Ana ainda completou que os caboclinhos no maracatu usam também a preaca em sua dança[18]: "Preaca. [...] Porque é regulamento, né? Porque a preaca é assim, simbólica. Um arco e flecha de caça, né?".

Ela, como já citado, lidera o grupo de caboclinhos, o Rei Tupinambá e, no ano pesquisado, quatro dos integrantes do seu grupo estavam nesta ala do Encanto.

Interessante constatar que em Recife, como em Maceió, grande parte dos terreiros são de Candomblé e também abrigam rituais de Jurema, daí também a importância dos caboclinhos no maracatu nação. Este reflete a mistura dos elementos da ancestralidade preta e indígena presentes nos Ilês.

17. Um dos bailados mais antigos existentes no Brasil (...). Atualmente são grupos (..) que, ao som de pequenas flautas e bandas de pífanos, saem pelas ruas das cidades nordestinas no período carnavalesco. Executam um bailado ritmado, em séries de saltos e bate-pés, marcado pelos estalidos secos das preacas (espécie de arco e flecha). Fonte: CÔRTES, Gustavo Pereira. Dança, Brasil!: festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

18. Outro instrumento característico dos caboclinhos é a preaca (ou o arco e flecha), que é tocado por quase todos os brincantes. Para saber mais sobre os caboclinhos, ler a matéria da revista continente: https://revistacontinente.com.br/edicoes/193/caboclinho--agora--patrimonio-cultural-nacional

Rainha e Rei:

Outra ala que destaco é a ala que fecha o cortejo do maracatu nação, a ala do rei e da rainha. A rainha vem dançando com seu parceiro, o rei, debaixo do pálio, símbolo da realeza que os cobrem e protegem a corte real. Cada um tem seu pajem ao lado, os abanando com um porta-leque.

A rainha e o rei carregam um cetro na mão esquerda e uma espada pequena, conhecida como espadim, na mão direita e têm uma postura corporal muito altiva. Os pés de ambos são enraizados.

O manuseio com os seus cetros e espadins são realizados com um tônus de resistência[19] e ela/ele os levantam e os abaixam com um olhar de comando, como se tivessem também abrindo caminhos, carregando, ainda, uma capa e uma coroa. Como escreve Graziela Rodrigues (2018, p.107):

> A cabeça coroada tem a função de sustentar a força divina na terra, no espaço da festividade. Nos mais distintos cortejos, as coroas ocupam as cabeças daqueles que se investem das funções de reis e rainhas; a coroa imprime-lhes um recato e uma profunda interiorização. A cabeça coroada apruma-se por força de uma quase imobilidade.

A rainha ainda veste uma saia rodada, também com imponência. O casal real é uma

19. Segundo Rodrigues (2018, p. 98.): "No tônus de resistência a ação é de anteparo, no sentido de proteger, resguardar, defender o corpo do meio externo. Na intenção do corpo resistir, há uma contenção da força e o fluxo do movimento está sob controle. A imagem que o corpo apresenta é de densidade." Ler mais nesta página do livro "Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação" de Graziela Rodrigues.

Ala dos batuqueiros com as alfaias, no desfile do maracatu nação Encanto do Pina - carnaval - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

das figuras mais especiais do grupo, fechando o cortejo real do maracatu e também o protegendo. Como conta a dama do paço Ylana: “O maracatu é um cortejo de corte real, um manifesto à coroação dos reis africanos, pedindo respeito, trazendo resistência”.

Destaco que existem também personagens masculinos nos grupos de maracatu nação, como já mencionado. A rainha tem seu rei, as princesas, os seus príncipes, e assim por diante. Porém, no Encanto do Pina, as personagens que mais me marcaram durante as pesquisas foram as femininas, talvez pelo fato de o Encanto ser formado em sua maioria por mulheres, lideradas por Mestra Joana e sustentadas por um Ilê comandado por uma Mãe de Santo, Vó Quixaba.

Postura comum à rainha, ao Rei e às damas do paço do maracatu nação:

A pesquisadora Suzana Martins (2008) fala sobre uma postura comum, que as filhas/filhos de santo realizam no começo do xirê[20] nos Candomblés. Martins (2008) também observou essa mesma postura nas rodas de samba e nos afoxés na Bahia:

> Essa postura, que denomino de “atitude corporal básica”, consiste em o (a) filho (a)-de santo alinhar verticalmente todo o corpo, acomodando a coluna

20. No Candomblé, ritual que os filhos e filhas de santo cantam e dançam numa roda para todos os orixás. (PRANDI., 2001, p.570)

Casal embaixador e embaixatriz, no desfile do maracatu nação Encanto do Pina - carnaval - Recife-PE-2024.
FOTO: JOÃO MARIA.

Ala das princesas se arrumando para entrar no desfile do maracatu nação Encanto do Pina - carnaval - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

vertebral em posição ereta, mas curvando o tronco levemente para a frente. A articulação dos ombros é acionada de maneira relaxada, com os braços semiflexionados e os cotovelos apontando para fora; os joelhos também se mantêm semiflexionados. Mantendo essa atitude, os (as) filho (as)-de santo se locomovem da seguinte maneira: o corpo se desloca para a frente, através de um pequeno passo que abre e que fecha para o lado e para o outro, alternando os pés, sucessivamente, impulsionando todo o corpo, enquanto os braços semiflexionados balançam num movimento de "ir" e "vir" sutilmente acentuados pelos cotovelos. Entre um passo e outro, há transição dos pés com o ritmo do contratempo, para que o corpo possa se deslocar no espaço. Assim, nessa coordenação de passos e movimentos dos braços, o corpo desliza na locomoção em círculo (MARTINS, 2008, P. 45-46).

Também constatei essa mesma postura na observação de algumas alas no maracatu nação, sobretudo na rainha, no rei e nas damas do paço, descritas no próximo item. Elas/ele o fazem também com imponência, como explica a dama do paço Ylana: "Essa imponência tem a ver com a força da corte real, que o maracatu representa".

O que muda são os objetos que cada uma/um segura numa ou nas duas mãos. Enquanto a rainha e o rei realizam o movimento com o cetro em uma das mãos e o espadim em outra, as damas do Paço o realizam segurando, na mão direita, a calunga.

Detalhe da coroa de um rei de maracatu nação na "Noite dos Tambores Silenciosos" - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

4.5. As Damas do Paço e suas Calungas

As Calungas e seus significados

"Princesa Dona Emília
/para onde vai? Vou passeá/
Eu vou para Luanda/
Vou quebrar saramuná [...]"
(Loa do grupo de maracatu nação Elefante)

O culto da calunga é forte entre os ambundos de Angola, "ela é guardada como objeto sagrado e poderoso pelas cabeças de certas linhagens. [...] No Recife, a calunga, também chamada de boneca, se liga ao cortejo das nações africanas, do qual se originou o nosso maracatu" (SILVA, 2019, P. 94). Não tem grupo de maracatu nação sem calunga. É ela quem faz a proteção. Como explica Leonardo Dantas (2019, p. 96):

> Até os nossos dias, a calunga faz parte do ritual do maracatu, encarnando nos seus axés a força dos ante-passados do grupo. Em sua honra é cantada a primeira toada do maracatu –ainda dentro da sede, quando a calunga passa das mãos da rainha para outras mãos, cada qual dançando um pouco com a boneca, antes de passá-la adiante–, sendo levada às ruas pela dama do paço (uma espécie de conselheira, segunda pessoa da rainha) e em sua honra é também cantada a última toada, quando o préstito se recolhe à sede.

Detalhe de uma calunga com sua dama do paço, na “Noite dos Tambores Silenciosos” - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Mariana Bianchini girando com sua calunga de Iemanjá do maracatu nação Encanto do Pina, no Tumaracá- Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Mariana Bianchini com sua calunga de Iemanjá do maracatu nação Encanto do Pina, no Tumaracá-Recife-PE-2024..
FOTO: JOÃO MARIA.

As calungas são bonecas pretas quase sempre confeccionadas em madeira encerada, como diz uma loa de maracatu: “a boneca é de cera/ cera e madeira”, mas também podem ser feitas de pano. De acordo com Dantas (2019, p. 96), “são designadas pelos nomes de iniciação em cada grupo: Dona Emília. Dona Leopoldina e Dom Luiz, no maracatu Elefante [...]”.

No maracatu nação Estrela Brilhante do Alto José do Pinho, que existe desde 1906 em Recife, o grupo tem duas calungas: Dona Joventina e Dona Erondina. A rainha do grupo, Marivalda Maria dos Santos, deu um depoimento sobre as calungas e seus significados:

> **Dona Joventina, eu tenho aquele compromisso com ela do jeito que ela tem comigo, por ser uma madeira. O nome dela não é dona Joventina, é dona Jovelina porque eu fui num lugar e teve um médium que recebeu ela e falou sobre a vida dela, entendeu o que era ela e o nome dela não é Joventina, mas Joventina ficou um apelido, [...] faltou só o nome de Dona Erondina que ela ainda não deu e eu preciso saber, mas ela ainda vai me dizer, e são duas bonecas vivas, não são mortas, entendeu. O povo pensa que são mortas mas não são, essas duas calungas que para muitos não significa nada, [...] é um orixá vivo. [...] Então essas duas bonecas que estão aí estão vivas, tem vida igual à eu e você. [...]. (https://estrelabrilhantedorecife.wordpress.com/sobre/)31/03/ 2007**

“Uma das hipóteses desta investigação, que foi confirmada a partir das pesquisas de campo e das entrevistas, é que a calunga contém elementos que agregam força, que impulsionam movimento no maracatu nação.
A calunga é a força do feminino que guarda o grupo, que o interliga a sua ancestralidade e se refere também às/aos orixás e às entidades.

Para muitos grupos de maracatu nação, como explica Dona Marivalda, as calungas também são orixás, que guardam os grupos.

Uma das hipóteses desta investigação, que foi confirmada a partir das pesquisas de campo e das entrevistas, é que a calunga contém elementos que agregam força, que impulsionam movimento no maracatu nação. A calunga é a força do feminino que guarda o grupo, que o interliga a sua ancestralidade e se refere também às/aos orixás e às entidades.

Como me explicou a dama do paço Ylana, do maracatu nação Encanto do Pina:

> A calunga é no maracatu uma guardiã e que abre caminho para ele passar. Ela é ativada ritualisticamente no terreiro.[...] Ela traz o axé[21] para o maracatu sair às ruas com harmonia. [...] Ela se refere a um orixá ou a uma entidade do terreiro, que fundamenta o maracatu. No maracatu Encanto do Pina, tem uma calunga que se refere à Iemanjá, outra à Oxum e outra à Maria Padilha. [...] A calunga é o símbolo de proteção do grupo. Tanto que as damas do paço e suas calungas são as primeiras a passar (referindo-se ao cortejo/desfile no carnaval), para depois a corte (referindo-se ao grupo de maracatu) entrar.

21. Força mística dos orixás, força vital que transforma o mundo (PRANDI, 2001, p.564).

Como canta Mestra Joana numa loa: “A dama do paço/ carrega a calunga/ mãe Iemanjá/ vem nos abençoar”.

No maracatu nação Encanto do Pina, como descrito acima, duas calungas são ligadas às duas

sereias, Oxum e Iemanjá. Mas a calunga que desfila à frente, que abre os caminhos, é a que a dama do paço Ylana carrega, a que se refere à Maria Padilha, guardiã do terreiro de Mestra Joana.
Como Mestra Joana canta em outra loa de maracatu denominada “Pomba Gira e Exu”:
“Tem guardião na porteira/ Maria Padilha é Mojubá./ dá licença senhores da casa/ o Encanto do Pina acabou de chegar (2x)/ Laroiê (2x), Mojubá/ o Encanto do Pina de baque virado/ pede licença pro povo saudar (2x)”.

CLIQUE E ASSISTA AO VÍDEO *"As damas do paço e as calungas"*

A dança das calungas e das suas damas do paço

Como já foi descrito no final do item 4.4, as damas do paço realizam a atitude corporal básica praticamente o tempo inteiro, porém com a calunga na mão direita. As damas a erguem, permanecendo com o antebraço direito dobrado, na altura do ombro. Sobre isso, a dama do paço Ylana também explica que: “a calunga tem que ficar erguida, com imponência, pois ela é a referência de proteção do maracatu”.

Uma das movimentações que as damas do paço fazem com a calunga é a da pulsação do corpo na vertical juntamente com a boneca, também pulsando na mesma posição.

Imagem da dama do paço Talita Ylana com sua calunga Maria Padilha , ao fundo a dama do paço Mariana Bianchini, no desfile do maracatu nação Encanto do Pina no carnaval - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Outra movimentação é a da rotação anti-horária da calunga. Para fazer isso, as damas giram o antebraço direito e a mão direita juntos. Percebi em campo que as damas do paço adultas realizam menos esse movimento. Talvez pelo fato de as bonecas serem feitas, em sua maioria, de madeira, pesando mais de 2 quilos. No Encanto do Pina, apenas a calunga da dama do paço Ylana é feita de pano. O movimento de rotação é mais perceptível nas daminhas do paço. Suas calunguinhas são menores, algumas feitas de madeira encerada, outras de pano ou até mesmo plástico. São bem mais leves e as daminhas a movimentam bastante.

Além disso, as damas do paço também avançam com a calunga pelo espaço. É como se a calunga as levasse, abrindo os caminhos no cortejo de maracatu. Sobre isso, a dama do paço Ylana explica que: “a calunga tem tanto axé, que parece que é ela que comanda o que eu faço, é ela que me leva. Quando dancei como dama do passo na primeira vez, senti muito isso. Era ela que me guiava e me dava força naquele momento.”

Ylana também menciona que a dança da dama do paço com a calunga é de muita integração: “eu dançava com ela (referindo à sua calunga) e ela dançava comigo”.

Imagem de uma dama do paço e seu calungo na “Noite dos Tambores Silenciosos” – Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Além destes três movimentos descritos, existe também o giro, momento em que a dama do paço e sua calunga giram em ambos os sentidos. Ylana, em sua entrevista, destaca a importância deste momento no cortejo: “toda vez que a dama do paço gira com sua calunga, ela movimenta o campo energético daquele maracatu, está dando proteção para aquele grupo”.

As Roupas das Calungas e de suas Damas

Geralmente, as roupas das calungas replicam as da sua dama do paço. É impressionante a riqueza de detalhes que se repete, reforçando a ligação de ambas. Tudo é praticamente igual, a cor da saia, os babados, os bordados, as saias mais rodadas, o enfeite da coroa, entre outros elementos. Isso tanto para as damas do paço adultas, quanto para as daminhas do paço que observei em campo no cortejo de vários grupos mirins de maracatu na Noite dos Tambores Silenciosos.[22]
Sobre isso, Ylana comenta que “as roupas da dama do paço e das calungas são guardadas em segredo, no quarto de santo. Existe um cuidado especial com elas”.

22.
A "noite dos tambores silenciosos" acontece todas às segundas-feiras de carnaval, no pátio do terço em Recife. À meia noite deste dia, todos os tambores dos maracatus param de tocar e entoam cantos em homenagem aos ancestrais, sobre-tudo, à Badia, babalorixá que foi uma das respon-sáveis pela criação desta noite. Para saber mais sobre isto, ler o capí-tulo de Ivaldo M. de F. Lima (2023), intitulado “Sambistas, maraca-tuzeiros e afoxezeiros: entre as memórias e a história, lugares de memória de homens e mulheres que fazem o carnaval no Recife”.

“Sobre isso, Ylana comenta que “as roupas da dama do paço e das calungas são guardadas em segredo, no quarto de santo. Existe um cuidado especial com elas”.

A Preparação das Calungas e das Damas do Paço antes de sair no carnaval

Ylana também me afirma que:

> Tanto as roupas das calungas como elas ficam a maior parte do ano recolhida no peji[23] do terreiro. A calunga só sai de lá no período do carnaval e em outras ocasiões especiais. Não é todo mundo que pode pegar a calunga. E quando ela sai do Ilê, não pode colocá-la em qualquer lugar. Uma criança pode pegar a calunga. [...] A dama do paço tem que estar preparada para tocá-la, por isso participa de vários rituais no terreiro antes do carnaval. Uma semana antes de sair no carnaval, a dama do paço tem que estar de corpo limpo, não pode ter relação sexual.

Ainda sobre as obrigações religiosas, Ylana completa que "nelas, as damas do paço pedem permissão para as entidades e para os orixás para sair às ruas no carnaval, nutrem o seu ori[24], para saírem com axé e estarem com o passo e compasso harmonioso". Ylana também explicou que para ser dama do paço é necessário ser escolhida pelas mães/pais de santo do Ilê, podendo ser confirmada nos búzios.

23. Quarto de santo no terreiro (nota da autora).

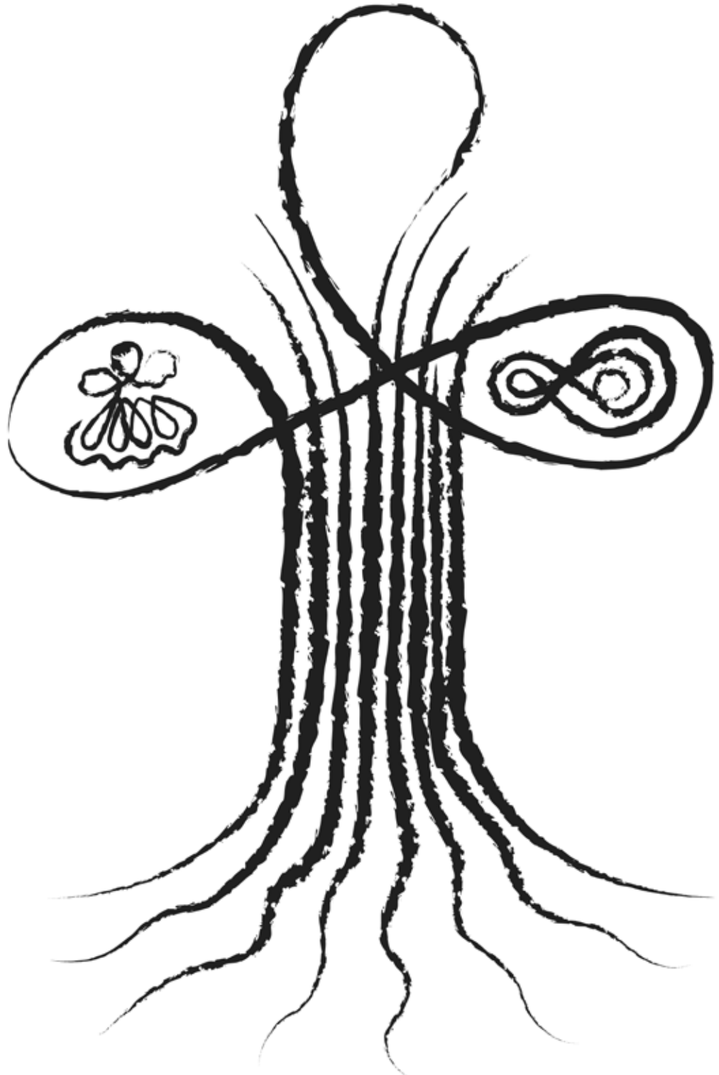
24. Cabeça; destino (PRANDI, 2001, p. 568).

Dama do paço Talita Ylana do maracatu nação Encanto do Pina, com sua calunga Maria Padilha – Recife-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

O corpo em movimento da dama do paço e sua calunga

A calunga... elemento sagrado,
agregador de forças, que guia a dama do paço,
que protege e dinamiza o movimento
no maracatu nação.
A dama do paço olha com sua calunga
para longe...
Olham para o mar, sentem saudades de onde
vieram... da mãe África.
Ela incorpora o mar no seu corpo,
que gira, que realiza torções e movimentos
ondulados e circulares na sua bacia.
Nos seus pés enraizados, vêm as ancestrais.
Na sua verticalidade pulsante, a força e a
imponência da corte real.
E no seu coração vibrante, a firmeza e a doçura.



4.6.
A relação corpo-instrumento no maracatu Encanto do Pina

A dança dos agbês encantados

"Agbê ou xequerê/
Cabaça , vida/
origem, útero/
as mulheres, moças e meninas o embalam/
como um filho/
o lançam para cima/
o recolhem/
avançam e recuam
o corpo todo gira e se movimenta sinuosamente/
a dança com os agbês encantados/
é a dança que encanta /
no Encanto do Pina"

Escrevi estes versos depois de muito analisar os movimentos que observei nas vivências de campo e que emergiram em meu corpo nos laboratórios de criação.

No maracatu Encanto do Pina, as pessoas que tocam os agbês têm uma relação corpo-instrumento muito integrada, que se diferencia bastante da dança dos agbês de outros maracatus nação de Recife.

Agbês do maracatu nação Encanto do Pina sendo lançados para cima, no Tumaracá- Recife-PE-2024.
FOTO: JOÃO MARIA.

Como conta o contra-mestre do Encanto, José Davis, mais conhecido como Davidson: “[...] a ala dos agbês já existia no maracatu nação, mas quem trouxe o corpo que dança para dentro da ala dos agbês e foi essa revolução, foi ela (referindo-se à Mestra Joana)”.

Os movimentos da dança dos agbês são belíssimos, ágeis e expressivos. A linguagem desta dança é bastante complexa e, para descrevê-la e decifrá-la por completo, é necessário aprender a tocar o instrumento.[25]

Por hora, escrevo aqui uma primeira e simplificada análise de alguns movimentos do corpo com os agbês, sem me aprofundar nos detalhes de cada toque e em sua parte rítmica.

Como coloquei nos versos acima, a relação das pessoas que o tocam parece a de uma mãe com uma filha/ um filho nos braços, tal a intimidade do instrumento com o tronco e os membros superiores do corpo da/do dançante.

O agbê se assemelha a um bebê sendo embalado pelas/pelos instrumentistas que os sacodem, lançam ao ar, fazendo malabarismos, os balançam de um lado a outro. Em alguns momentos, esses movimentos dos braços são realizados ao mesmo tempo em que a bacia desenha o símbolo do infinito[26] e o tronco torce e gira. Existe, ainda, o movimento de avançar e recuar com o corpo-agbê no espaço, no qual a

25. Importante ressaltar que começei a aprender a tocar agbê no Nono encontro Intensivo de agbês em São Paulo, no espaço cultural Cita, com Mestra Joana em junho deste ano, depois de escrever este e-book. Por isso, ele é uma primeira leitura da movimentação do corpo-agbê.

26. Segundo Rodrigues (2018, p. 58): “A pelve através do cóccix desenha na horizontal o infinito. Produzindo a forma arredondada nas laterias e passando pelo eixo, abacia continuamente assimila o desenho. Para saber mais, ler a página 58 e 59 do livro “Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação” de Graziela Rodrigues.

Detalhe de uma tocadora de agbê do maracatu nação Encanto do Pina no Tumaracá – Recife-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

bacia também se move na lateral, como um pêndulo. O pulso do corpo na dança com os agbês é horizontal. Outro movimento é o de pender o agbê e o tronco em direção ao chão, junto com a alternância das escápulas.

Essas movimentações das/dos instrumentistas dos agbês me remeteram àquelas do grupo de Congo do Congado da Comunidade dos Arturos de Minas[27]. Interessante perceber este cruzamento de algumas matrizes corporais destas duas manifestações, porque tanto o maracatu quanto o congo celebram a coroação dos reis pretos, são feitos em forma de cortejo e falam das travessias afro-atlânticas. Entretanto, embora, ambas as manifestações apresentem semelhanças, é importante destacar que cada qual apresenta a sua identidade cultural[28]. No maracatu nação Encanto do Pina, por exemplo, os pés das pessoas são mais aterrados. Nestas movimentações das tocadoras/tocadores de agbês, os pés alternam entre o esforço médio e o máximo[29] em relação ao solo, utilizando quase todos os apoios dos pés: as laterais, o metatarso, o calcanhar. Observei ainda que os pés saem do chão e realizam pequenos saltos em alguns momentos, principalmente nos de maior dinâmica do cortejo, quando giram com o instrumento perto do tronco.

27. Comunidade dos Arturos- Contagem – MG: A Comunidade dos Arturos, situada em Contagem, Minas Gerais, é uma comunidade tradicional com mais de 130 anos de história, representando a sexta geração de descendentes de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva. É um símbolo de resistência e preservação cultural dos povos de matriz africana e afromineiros, reconhecida como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais. Para maiores informações, ver o livro "Negras Raizes Mineiras: os Arturos".

28. Para aprofundar sobre o congado, inclusive sobre sua dança, ler o capítulo escrito por Graziela Rodrigues no livro "Negras Raizes Mineiras: os Arturos".

29. Segundo Graziela Rodrigues (2018, p. 54.): "Os esforços empregados pelos pés na relação com o solo são: (..) Esforço médio- contato além da superfície, raízes soltas. Esforço máximo- penetração, enraizamento." Para saber mais, ler páginas 54 até 56 do livro "Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação" de Graziela Rodrigues.

Tocadoras dos agbês no Baque Mulher com Mestra Joana cantando ao lado - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Detalhe de uma tocadora de agbê no Baque Mulher - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

> Interessante perceber este cruzamento de algumas matrizes corporais destas duas manifestações, porque tanto o maracatu quanto o congo celebram a coroação dos reis pretos, são feitos em forma de cortejo e falam das travessias afro-atlânticas. Entretanto, embora, ambas as manifestações apresentem semelhanças, é importante destacar que cada qual apresenta a sua identidade cultural

Há também momentos de sustentação do movimento, como quando as/os instrumentistas abaixam até o chão, segurando os agbês e cantam: “Coroou corou – o Encanto coroou” ou quando seguram o agbê com o braço direito na linha do ombro com reverência e giram o corpo todo para a esquerda e para a direita, lembrando o movimento que as damas do paço realizam com suas calungas.[30]

As alfaias: o coração do maracatu nação[31]

“Os tambores ecoar/
na batida do coração”
(Trecho da loa “Vem neste baque de mulheres”)

No texto anterior, escrevi sobre o agbê, instrumento que me encantou neste estudo. Mas não tem como escrever sobre maracatu nação e não mencionar as alfaias, que são “o coração do maracatu”, como explica o contra-mestre Davidson em entrevista.

Inclusive a expressão “baque virado” do maracatu nação está relacionada aos instrumentos de percussão, que são: os agbês, as alfaias, os gonguês, os timbais, os mineiros, entre outros.

30. Ver estas movimentações no post do instagram do Encanto, ensaio do dia 10/01/2025.

31. Depoimento do contra-mestre Davidson do Encanto do Pina.

Tocadores de alfaias do maracatu nação Encanto do Pina na “Noite dos Tambores Silenciosos” - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Detalhe de uma tocadora de mineiro/ganzá do maracatu nação Encanto do Pina, na “Noite dos Tambores Silenciosos” - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Tocadores de timbais do maracatu nação Encanto do Pina na “Noite dos Tambores Silenciosos” - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Jamile Passos, produtora do Encanto, é também batuqueira e toca alfaia no grupo. Em sua entrevista, se emociona ao falar que *o tambor a chamou*:

> Aí o tambor me trouxe até aqui, né? Foi o tambor. [...] Eu acho que é uma força ancestral mesmo, sim. [...] E depois de um tempo, foi pra esse processo de... estar tocando e estar à frente. Aí, quando eu fiz o Santo, [...]. eu fiz o Santo em 2022, no final de dezembro. E aí, nisso, já era o processo de carnaval e existem os tambores que são de obrigação. E a responsabilidade por eles, passa nesse processo de obrigação de carnaval. Aí eu fui a primeira mulher a ter um tambor de obrigação. Nossa, que responsa! Nossa, primeira! Olha só! [...].

Destaco aqui o que explica Jamile sobre as principais tocadoras/tocadores de alfaias nos maracatus nação serem, geralmente, iniciadas/iniciados nos terreiros. Davidson, o contramestre do Encanto, por exemplo, é o ogã principal do terreiro de Vó Quixaba.

Também as alfaias são instrumentos que têm uma dança singular, apesar de serem mais pesados. No caso do Encanto do Pina, elas são tocadas não só por pessoas adultas, mas por adolescentes e crianças, sendo impressionante a força com que elas/eles tocam.

A alfaia também está totalmente integrada ao corpo das batuqueiras/batuqueiros. Elas/eles realizam vários manejos com as baquetas, além

Tocadora de gonguê do Baque Mulher - Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

de lançar a alfaia para cima, rodar e abaixar. Esses malabarismos com os instrumentos são parecidos com os que são realizados pelos tocadores do bloco afro Olodum de Salvador - BA.

4.7.
As paisagens-cenário:

"Meu Maracatu nasce no manguezal/
amor como este/
eu nunca vi nada igual!"
(Loa cantada por Mestra Joana)

Na entrada da sede do maracatu nação Encanto do Pina, saltam aos olhos as fitas azuis e brancas e a imagem imponente de Iemanjá no alto, perto dos fios de eletricidade. A grande mãe, Iabá das águas do mar, guarda o espaço, na comunidade do Bode. É tocante essa imagem da sereia Iemanjá nessa comunidade, que foi formada na região do mangue do bairro do Pina, o qual foi aterrado e não tem uma infra-estrutura adequada como: água potável, coleta de esgoto, captação de água de chuva, acessibilidade, entre outras condições mínimas desejáveis, para se viver num espaço urbano. Como confirma o contramestre Davidson, "esta região do Encanto, localizada entre a rua Oswaldo Machado e o mangue, é uma das regiões de maior vulnerabilidade desta comunidade".

Vista do mangue e da comunidade do Bode, do último andar da sede do maracatu nação Encanto do Pina - Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

O terreiro de Vó Quixaba é de duas sereias, Iemanjá e Oxum, como já mencionado, tendo sido fundado por Mãe Sônia, filha de Iemanjá. É Candomblé nagô que também realiza Jurema. Não por acaso, azul, amarelo e branco, as cores das duas Iabás, são predominantes na sede deste maracatu.

O corrimão das escadas que acabaram de ser construídas foi pintado de amarelo; o revestimento das alfaias do maracatu é amarelo e azul; amarelo e azul também estão presentes nos figurinos das batuqueiras/batuqueiros, no estandarte, na rede dos agbês e em outros detalhes dos objetos do grupo. Azul e branco nos enfeites de teto, nas cortinas de chita do último andar, onde se realizam alguns dos eventos do maracatu, como o "Cine Encantinho".[32] Deste último andar, onde também são guardadas parte dos instrumentos do grupo, dá para ver o mangue, parte do Pina e da cidade de Recife.

A sede do grupo agora tem quatro andares. Quando iniciei este estudo, no início de 2024, o prédio estava sendo reformado. No primeiro andar, abriga o salão do terreiro; no segundo, um espaço onde guardam os instrumentos; no terceiro, o ateliê, onde são feitas e guardadas as roupas para o maracatu e o Baque Mulher; e, no último, um salão, onde acontecem outros eventos.

32. O Cineclube Encantinho do Pina é uma ação do projeto sócio pedagógico Encantinho do Pina. Este cineclube acontece todo terceiro sábado do mês, desde maio de 2024, das 14h às 16h - sessão voltada para crianças, e das 17h às 19h - sessão para os adolescentes e adultos. Nestes encontros, as/os participantes buscam se" conectar através de filmes, trazendo diálogos e reflexões sobre o que foi visto, fortalecendo as lutas políticas e sociais já existentes no local". (trecho retirado da publicação do dia 13/04/2024 do Instagram do cineencantinhodopina).

A sede do Encanto é um espaço agregador de muitas energias que se transformam em força de resistência.

Alfaias do maracatu nação Encanto do Pina guardadas na sua sede - Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

Enfeites de branco e azul, cores de Iemanjá, no último andar da sede do maracatu nação Encanto do Pina – Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

5.
Baque Mulher

MESTRA JOANA, QUANDO ESTEVE no Sesc Bis em outubro de 2024, falou sobre o filme “Mães do Pina” e nos contou como surgiu o Baque Mulher:

> Há um tempo atrás, lá em Recife, as mulheres não podiam tocar os instrumentos no Maracatu. Eu comecei a reunir as mulheres para ensinar a tocar alfaias, agbês e outros instrumentos lá na nossa comunidade. E aos poucos, o grupo foi crescendo. E nestes encontros, elas traziam suas histórias. E muitas traziam histórias de violência doméstica e outras violências. Aí, senti vontade de criar as loas, para falar disso, como forma de protesto. O grupo cresceu e aí hoje tem 38 grupos de Baque Mulher em todo o Brasil e também alguns grupos no exterior.

Quando acompanhei, nas ruas do Recife antigo em pleno carnaval, o cortejo do Baque Mulher, entendi melhor essa história. Uma pessoa no meio da multidão exclamou: “Nossa que arretado!” E realmente é muito forte este cortejo, formado na sua maioria por mulheres, tocando todos os instrumentos do maracatu e cantando.

Mestra Joana cantando no cortejo do Baque Mulher - Recife-PE-2024.

FOTO: HELENA MARIA SILVA

Mestra Joana ao lado da porta estandarte, Talita Ylana do Baque Mulher - Recife-PE-2024.

FOTO: HELENA MARIA SILVA

Além disso, a maior parte das letras das músicas denunciam a violência contra a mulher, como a loa "Maria da Penha é forte", escrita por Mestra Joana, que é um manifesto:

Maria da Penha é forte/
é forte pra valer/
com sua força e coragem/
fez a lei acontecer(coro repete)/
a lei maria da penha/
agora eu já sei, 11.340 do ano 2006 (coro repete)/
mulheres do mundo inteiro/
com garra pra vencer/
vamos unir as nossas forças/
e fazer acontecer (coro repete)/
temos direito à liberdade/
temos direito de viver/
temos direito, temos direito/
temos direito de vencer (coro repete)

Ouvindo músicas como essa, foi inesquecível acompanhar o Baque Mulher, saindo da frente do Paço da Alfândega, abrindo caminhos no meio das ruas lotadas do Recife antigo até chegarem numa rua perto do Paço do Frevo, na praça do Arsenal.

Lá, Mestra Joana pediu que parassem de tocar, deixassem os instrumentos no chão e fizessem uma roda, uma ciranda. Então, puxou um canto que fala exatamente da força do coletivo:
"Companheira me ajuda/ que eu não posso andar só/ eu sozinha ando bem/ mais com você ando melhor!"

Me arrepiei ao ver aquelas mulheres já cansadas, chorando e dando as mãos, cantando! Foi como um hino, pois a música ressoava o sentido da criação e existência do movimento Baque Mulher.

Como Mestra Joana disse muito bem em uma palestra para o Baque Mulher de Campinas: "Para fazer parte do Baque Mulher não é só ter a camiseta, a bolsinha do grupo, não é só saber tocar alfaia, mas é realmente assumir essa postura de estar lutando contra a violência contra a mulher, uma lutando pela outra!".

Percebi muito fortemente essa força do coletivo, no Baque Mulher, no Encanto do Pina e em várias situações do cotidiano destes grupos. Uma força que é fruto desse trabalho e que existe dentro dos terreiros de Candomblé e de Jurema.

Cortejo do Baque Mulher
nas ruas do Recife
antigo- Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

Estandarte e instrumentos
do Baque Mulher nas ruas
do Recife
antigo- Recife-PE-2024.

FOTO: JOÃO MARIA.

6.

O Encantinho do Pina

A menina segura minha mão com confiança/
E com ela, sigo o cortejo das crianças... /
pelos becos do Pina/
pelas ruas estreitas,
sombreadas pela luz da lua/
Há brincadeiras durante a jornada/
Pedra, papel, tesoura!/
Há choro e risadas/
Sonhos e esperança,
Ginga e a dança continua/
É brincando que também se aprende a tocar tambor/
As crianças do Encantinho são as batuqueiras e os batuqueiros do amanhã[33]

33.
As crianças do Encantinho são as batuqueiras e os batuqueiros do amanhã- depoimento do contra-mestre Davidson

ESCREVI ESTES VERSOS depois da experiência singular de acompanhar o grupo do Encantinho do Pina numa apresentação na ONG Vizinhos solidários no bairro do Pina, Recife - PE.

Já tinha visto vários ensaios do Encanto do Pina com a presença de alguns participantes do Encantinho. Como relatado no item 4 deste

e-book, fiquei impressionada com a força das crianças tocando os instrumentos de forma bastante integrada ao corpo.

Neste dia, pude acompanhar todo o processo, as meninas e meninos chegando das escolas e casas e arrumando os instrumentos, se reunindo na rua Oswaldo Machado onde geralmente ocorrem os ensaios do Encanto do Pina. Percorremos a pé os becos da comunidade do Bode até chegar ao local da apresentação.

Lá, uma das puxadoras do canto abriu a apresentação cantando: "Ibeji, Ibejinho, vem pro Encantinho", pedindo a proteção dos Ibejis[34] para o grupo.

Depois, no sábado, pude participar da confraternização de final de ano com as crianças no último andar da sede do Encanto do Pina, que contou, inclusive, com a distribuição de presentes. As crianças também tiveram uma oficina de fotografia e assistiram a um filme como parte das ações do Cine Encantinho.

Neste dia, pude entrevistar Jamile Passos, José Davis (Davidson) e Mariana Passos, todos participantes importantes do Encanto do Pina e também educadores no Encantinho.

O Encantinho é um projeto sócio pedagógico criado por Mestra Joana em 2013. Como

34. Ibejis: orixás gêmeos, protetores das crianças. (PRANDI, 2001, p. 566)

Congá na casa de Ana Paula Santana, com uma imagem de São Cosme e Damião, com coroas com a machadinha de Xangô, insígnias de Oxum, entre outras imagens - Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

Jamile Passos na sede do maracatu nação Encanto do Pina- Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

relataram os entrevistados, não é apenas um grupo mirim do Encanto. Nas palavras de Jamile Passos: “ele tem a coordenação pedagógica da pedagoga Mariana Bianchini e além dos ensaios para o carnaval, as/os participantes têm aulas de dança, de capoeira e de outras modalidades artísticas”. Todo este trabalho é importante para a formação das crianças como futuras integrantes do grupo do Encanto do Pina, mas também como cidadãs.

É um projeto social, como explica Mariana Passos: “A gente sabe que as crianças que participam do Encantinho (hoje uma média de 31), estão aqui, não estão na rua”. O Encantinho, para elas, simboliza segurança. Ainda de acordo com Mariana,

> Quando a gente vai aprofundando, a gente percebe que o maracatu não é só isso, né? Tem o embasamento religioso, ancestral, afro-indígena e tudo mais. Mas também cumpre um outro papel social, que é de estar, onde muitas vezes, o poder público e o estado não estão. Que é na parte de uma informação, de uma assistência, de um apoio, de assistir à comunidade também. Então, eu acho que essa questão da representação do maracatu como patrimônio cultural e da sua parte artística é um ponto.

> A parte da base, que é essa questão da religiosidade, da ancestralidade, da identidade desse povo, também é um outro ponto. Mas eu acho que a gente não pode esquecer também esse ponto de organização comunitária e de forma de instituição, que é um braço que organiza essa comunidade no território, também como um ponto de apoio, como um ponto de referência, para medidas de saúde, de assistência básica e de segurança também.

Além disso, é especial observar no Encantinho a repassagem, a transmissão dos saberes ancestrais realizada com afeto e o tempo inteiro das pessoas mais experientes do Encanto para as crianças. Elas aprendem desde o toque das alfaias, dos agbês e dos outros instrumentos, as loas, as danças e tudo o que compõe o maracatu nação.

Como diz Davidson, “alguns educadores hoje já foram do Encantinho. Essa turma que está aí (apontando para elas/ eles) são as batuqueiras/ os batuqueiros do amanhã”. Ele mesmo começou pequeno, participando de um projeto parecido, também coordenado por Mestra Joana na Ilha de Deus. Apaixonou-se pelo maracatu e hoje é contramestre do Encanto. Seu filho já participa do Encantinho e percorre o mesmo caminho de aprendizado.

Mariana Passos na sede do maracatu nação Encanto do Pina- Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

Da mesma maneira acontece como os filhos de Mariana Passos: “Minha filha cresceu dentro do projeto e hoje é educadora, né! Ela tá no projeto desde os oito anos, e hoje é educadora. Ariel já nasceu no projeto, né, [...] dentro dessa mesma educação, é o que a gente costuma falar, o Encantinho é [...] realmente, a extensão da nossa família”.

Ela ainda explica que:

> No Encantinho, as crianças se alimentam também, as mães recebem cesta básica [...]. Então, até o fato de a gente manter a segurança alimentar delas, de sempre ter a refeição, a água, tudo isso. Manter todos esses parâmetros para atender elas da melhor forma, é muito desafiador. Ter pessoas também voluntárias, porque a gente não tem nenhum tipo de recurso para manter educadores remunerados. Então, também ter que contar com o tempo voluntário das pessoas, para manter o projeto que atende à tantas crianças.

Ao final das conversas com os três educadores e após as vivências com o projeto Encantinho do Pina, ficou nítido como o projeto e o Maracatu nação simbolizam esperança para esta comunidade.

Como me diz Mariana ao final da entrevista:

> [...] é gratidão acima de tudo, saber que a gente não consegue abraçar o mundo, nem resolver todos os problemas, mas que é assim, a gente acaba acendendo neste trabalho, um pouco de esperança nesse caminho, sabe? [...] esse é o maior sentimento que a gente tem, de entender como o maracatu transformou nossas vidas. Porque todos nós somos impactados e fizemos do maracatu a nossa maior motivação e de como como isso, pode ser continuado e transmitido para as crianças também.

7. Considerações finais

TERMINO ESTE E-BOOK consciente de que esta escrita é apenas o começo de um longo estudo, o qual ainda se desdobrará em outros projetos de pesquisa.[35]

Iniciei esta investigação buscando desvendar, principalmente, a dança das damas do paço, de suas calungas e seus significados. No final desta minha jornada, uma das primeiras conclusões (antecipada no item 4.5) é que a calunga contém elementos que agregam força, impulsionam movimento no maracatu nação. A calunga é a força do feminino que guarda o grupo, que o interliga a sua ancestralidade, referindo-se também às/aos orixás e às entidades.

No último dia das investigações de campo, uma cena que me marcou foi ver, ao mesmo tempo, na porta da sede do Encanto, dois momentos especiais: no primeiro andar, as mães das crianças do Encantinho recebendo com um abraço das educadoras, as cestas básicas e, na porta do salão (que fica no térreo da sede do Encanto), as filhas de santo incorporando as pomba-giras, começando

35. Pretende-se dar continuidade nesta pesquisa, desdobrando-a num projeto de Pós-doutorado.

Imagem de Iemanjá
na entrada da sede do
maracatu nação Encanto
do Pina – Recife-PE-2024.

FOTO: PAULA CARUSO

> O maracatu não existe sem o terreiro, sem os seus rituais e obrigações, um alimenta o outro.
> E é também essa dinâmica de resistência, de ancestralidade do povo preto.
> É uma escola de pulsão de vida, diante de tantas adversidades.

seus rituais e abraçando as pessoas que chegavam ao Ilê. Aquele sábado era dia de obrigação dos exus e pomba-giras no terreiro de Vó Quixaba. Essa cena, tão singular em movimentos, imagens, sensações e emoções, me ajudou a entender muito do que vivi nesta pesquisa e a escrever estas considerações.

Então, após todo esse processo, conclui ainda que o maracatu nação é isso tudo que está descrito neste e-book e muito mais! "É o Candomblé na rua", como disse Mestra Joana. O maracatu não existe sem o terreiro, sem os seus rituais e obrigações, um alimenta o outro. E é também essa dinâmica de resistência, de ancestralidade do povo preto. É uma escola de pulsão de vida, diante de tantas adversidades.

É a força do coletivo, da generosidade, da empatia com o outro que é reafirmada a todo momento nas ações humanas, seja nos rituais do terreiro, no cotidiano deste grupo, nos projetos sociais que desenvolve, quando o maracatu sai às ruas no carnaval ou em outros momentos durante o ano.

O maracatu Encanto do Pina é também para sua comunidade, o fortalecimento do feminino, do matriarcado liderado por Vó Quixaba e Mestra Joana, fruto da ancestralidade das *Mães do Pina* e apoiado por um grupo formado em sua maioria por mulheres.

Por fim, o maracatu nação é ainda o movimento do abraço com afeto, que diz: você não está sozinha/sozinho! Bora, vamos juntas/juntos neste cortejo, transformando a travessia difícil em força de vida!

Corpo em Travessia

Um corpo aterrado, com raízes profundas...
de outras terras
Um corpo que gira em sentido anti-horário,
para não esquecer de onde veio, da mãe África,
da sua ancestralidade.
Um corpo com tônus de resistência, que finca o
mastro ao longo de um cortejo. Que na cabeça
carrega uma coroa, com postura e soberania de
rainha e rei e que pulsa na vertical.
Um corpo em estado de prontidão, que com as costas
reverencia o passado e com a frente do seu tronco,
abre novos caminhos.
Um corpo que dependendo do momento, carrega nas
mãos o espadim, o cetro, a calunga, o arco-flecha, o
estandarte ou a alfaia, entre outros objetos sagrados.
É um corpo de guerreira, guerreiro, com os olhos
atentos, que sabe de onde veio e para onde vai, que
resiste às adversidades.
Que não perde a esperança, um corpo em travessia.

CLIQUE E ASSISTA AO VÍDEO *"Corpo em Travessia"*

Mar do Pina –
Recife-PE-2024

FOTO: JOÃO MARIA.

8. Referências bibliográficas

ALVES, Marileide. **Povo Xambá resiste:** 80 anos da repressão aos terreiros em Pernambuco. Recife, PE, Cepe, 2018.

CÔRTES, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil!**: festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras:** os Arturo**s**. Juiz de fora, Ministério da Cultura/ EDUFJF, 1988.

LIMA, Ivaldo M. de F. Sambistas, maracatuzeiros e afoxezeiros: entre as memórias e a história, lugares de memória de homens e mulheres que fazem o carnaval no Recife. In : GUILLEN, I.C. M.(org.). **Lugares de memória da escravidão e da cultura negra em Pernambuco.** Recife, PE: CEPE, 2023, p.181-216.

MARTINS, Suzana M. C. **A dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo**. Salvador: EGBA, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ, Mariana. **Sementes de Joana:** a primeira mestra de Maracatu. São Paulo, SP, Mocho Edições, 2021.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Bailarino – pesquisador - intérprete: processo de formação.** Lauro de Freitas- BA, Solisluna, 2018.

----------. **O método BPI (bailarino-pesquisador-intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método**. 2003. Tese (Doutorado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife**. Recife, PE, CEPE, 2019.

TEIXEIRA, Paula Caruso. **O Santo que dança:** uma vivência corporal a partir do eixo co-habitar com a fonte do Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). 2007. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

9. Sitografia

BAQUE MULHER. Loas baque mulher. Baque Mulher, 2018. Disponível em: https://baquemulher.com.br/. Acesso em: 23 mar. 2025.

CINE ENCANTINHO DO PINA [@cineencantinhodopina]. Instagram, 13 maio 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C67KdRug_NW/. Acesso em: 15 jun. 2025.

ENCANTO DO PINA [@encantodopina]. Instagram, 6 fev. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFvGfaZuc0v/. Acesso em: 6 fev. 2025.

ENCANTO DO PINA [@encantodopina]. Instagram, 12 fev. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DF-tOiGOKqL/. Acesso em: 12 fev. 2025.

ENCANTO DO PINA [@encantodopina]. Instagram, 23 fev. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DGvbKFeRSPO/. Acesso em: 23 fev. 2025.

HISTÓRIA de Nossa Nação. Estrela brilhante do Recife, 2007. Disponível em: https://estrelabrilhantedorecife.wordpress.com/sobre/. Acesso em: 22 abr. 2023.

LUDERMIR, Chico. Caboclinho: agora, patrimônio cultural nacional. Revista Continente, 1 jan. 2017. Disponível em: https://revistacontinente.com.br/edicoes/193/. Acesso em: 15 jun. 2025.

MAIA, Nanda. Mestra Joana. Revista Continente, 11 set. 2023. Disponível em: https://revistacontinente.com.br/edicoes/273/. Acesso em: 15 jun. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Dossiê maracatu nação. Portal do IPHAN, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/. Acesso em: 23 mar. 2025.

Paula Caruso Teixeira
pcarusot@unicamp.br

Artista da dança, com licenciatura plena em História pela FEPI – Itajubá-MG e bacharelado em Dança, mestrado em Artes e doutorado em Artes da Cena, todos os três cursos pela Unicamp. Desde 2016, é docente do curso de graduação em Dança do Instituto de Artes da Unicamp. É professora permanente da pós-graduação das Artes da Cena do IA-Unicamp. Trabalha com o Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete), a Dança do Brasil e a História da dança.

FOTO: ARQUIVO DA AUTORA

REALIZAÇÃO

NÚCLEO BPI

APOIO

UNICAMP

IA | UNICAMP

ISBN: 978-65-01-59860-4